

RECEPÇÃO E *SCANLATION*: O FENÔMENO DO MANGÁ *CHAINSAW MAN* NO BRASIL

RECEPTION AND *SCANLATION*: THE *CHAINSAW MAN* MANGA PHENOMENON IN BRAZIL

RECEPCIÓN Y *SCANLATION*: EL FENÓMENO DEL MANGA *CHAINSAW MAN* EN BRASIL

Mateus Carvalho Beneti

Universidade Federal de Goiás

ORCID: 0009-0008-1771-0216

Goiânia, Goiás, Brasil

Thátilla Sousa Santos

Universidade Federal de Goiás

ORCID: 0000-0002-2020-9261

Goiânia, Goiás, Brasil

Lara Lima Satler

Universidade Federal de Goiás

ORCID: 0000-0002-2509-6278

Goiânia, Goiás, Brasil

Recebido: 04/09/25 / Aprovado: 23/12/25

Como citar: BENETI, M.; SANTOS, T. S.; SATLER, L. L. Recepção e Scanlation: o fenômeno do mangá Chainsaw Man no Brasil. Revista GEMInIS, n. 17, p.20–47, 2026

Direito autoral: Sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 3.0 Internacional.

RESUMO

Investiga-se neste estudo qualitativo o papel da cultura *scanlation* na recepção de mangás no Brasil, tomando como caso a *scan meme* viral de *Chainsaw Man*. Adota-se a teoria das mediações de Jesús Martín-Barbero para examinar comentários de leitores em seis vídeos no YouTube, além de comparar trechos da versão oficial e alterada do mangá. Os resultados mostram que a *scan meme*, com suas adaptações culturais, gerou identificação e vínculos afetivos, mas também acionou disputas sobre a fidelidade da tradução. Conclui-se que essas práticas desafiam modelos editoriais tradicionais e revelam novas formas de circulação cultural em ambientes digitais.

Palavras-chave: *scanlation*; mangá; estudos de recepção.

ABSTRACT

This qualitative study investigates the role of scanlation culture in the reception of manga in Brazil, using the *Chainsaw Man* viral *scan meme* as a case study. The research adopts Jesús Martín-Barbero's theory of mediations to examine reader comments from six YouTube videos, in addition to comparing excerpts from the official and altered manga versions. The results show that the *scan meme*, with its cultural adaptations, generated a sense of identification and affective bonds, but also triggered disputes over the translation's fidelity. We conclude that these practices challenge traditional publishing models and reveal new forms of cultural circulation in digital environments.

Keywords: scanlation; manga; reception studies.

RESUMEN

Este estudio cualitativo investiga el papel de la cultura *scanlation* en la recepción de manga en Brasil, tomando como caso la *scan meme* viral de *Chainsaw Man*. La investigación adopta la teoría de las mediaciones de Jesús Martín-Barbero para examinar los comentarios de los lectores en seis videos de YouTube, además de comparar extractos de las versiones oficial y alterada del manga. Los resultados demuestran que la *scan meme*, con sus adaptaciones culturales, generó identificación y vínculos afectivos, pero también provocó disputas sobre la fidelidad de la traducción. Se concluye que estas prácticas desafían los modelos editoriales tradicionales y revelan nuevas formas de circulación cultural en entornos digitales.

Palabras Clave: *scanlation*; manga; estudios de recepción.

1. INTRODUÇÃO

Debruça-se neste artigo sobre o fenômeno cultural que desencadeou a popularização do mangá *Chainsaw Man* no Brasil, em especial pela atuação de grupos *scanlators*, fãs tradutores que se tornaram peças centrais nesse processo, não apenas por traduzirem o conteúdo original japonês, mas por acrescentarem elementos culturais e linguísticos nacionais e distribuírem-no gratuitamente pela internet. O termo *scanlation* foi criado por fãs a partir da união das palavras em inglês *scan* (escaneamento) e *translation* (tradução), que diz respeito ao escaneamento das páginas do mangá, tradução da língua japonesa para a língua do distribuidor, edição e distribuição no seu país (Hirata; Gushiken, 2011). Embora seja comumente associado a histórias em quadrinhos orientais, como os mangás, o termo também é aplicado à tradução de outros tipos de obras por fãs – um sinônimo menos comum para a prática é *scantrad* (Aragão, 2016). Assim, o fenômeno aqui discutido envolve a tradução por fãs e a alteração do seu sentido original ao inserir humor, referências locais e expressões brasileiras – muitas vezes carregadas de estereótipos discriminatórios – e a viralização do mangá no Brasil por meio da distribuição gratuita e por vídeos polêmicos e comentários no YouTube.

As práticas *scanlation* estão intrinsecamente ligadas à cultura digital. Originadas nos primórdios da internet, essas ações de fã para fã são independentes e sem fins lucrativos. O objetivo desses grupos é compartilhar obras e materiais com públicos de diferentes culturas e línguas, usando a internet como principal instrumento e palco. A distribuição gratuita, feita por meio de *downloads* diretos em plataformas como BitTorrent e IRC, mostra o sucesso da prática, que muitas vezes ignora questões de direitos autorais, inclusive de obras já licenciadas e lançadas no país pelas editoras. Sites clandestinos, como Mangá Livre e Manga Rock, são exemplos de plataformas que disponibilizam *scans* (refere-se ao material traduzido e divulgado pelos fãs) há anos, enfrentando constantemente ações judiciais e a derrubada de seus domínios. Em função disso, optou-se por não incluir os links desses sites neste texto, uma vez que são provisórios e frequentemente tirados do ar.

Em geral, os grupos dedicados à tradução independente de mangás via *scans* são compostos por pessoas que justificam o trabalho pirata pelo direito de acesso às obras em seu idioma (Carlos, 2011). Em muitos casos, mostram ignorância ou indiferença ao fato de promoverem a pirataria. Sobre esse aspecto, ressalta-se que elas “não só preenchem as lacunas de acesso, mas também ameaçam o alcance dos negócios da distribuição global desse produto via mercado oficial” (Urbano, 2013, p. 67). Devido à natureza ilegal da prática *scanlator*, é comum que os grupos de tradução clandestina se organizem por meio de canais privados e servidores fechados, nos quais é possível não apenas

distribuir as ocupações de cada membro do grupo e divulgar o material traduzido, como também interagir, compartilhar opiniões e até mesmo organizar ataques *online*.

O mangá *Chainsaw Man*, de Tatsuki Fujimoto, foi publicado no Japão no ano de 2018 pela revista *Shounen Jump* e chegou ao Brasil de forma oficial em 2021 pela editora Panini. Entretanto, no ano de 2019, uma versão do quadrinho japonês viralizou no Brasil graças a uma tradução feita por fãs (*scanlation*), assinada e publicada em plataformas *online* pelos grupos SS-Clube e Nakama Mangás. Tais grupos *scanlators* (compostos pelos fãs que fazem a tradução) distribuíram um material que alterou propositalmente textos e imagens do mangá no intuito de acrescentar humor à obra, postura incomum dentro do *fandom*, que costuma prezar pela fidelidade do material original. Neste trabalho, optou-se por nomear esta tradução feita por fãs de *scan meme*, visto ter sido esta versão a que viralizou no Brasil (figura 1) e que destoa dos padrões de fidelidade das *scans* tradicionais, que prezam por traduzir o material original de maneira precisa, mantendo a coerência da narrativa.

Figura 1 – Exemplo de páginas da *scan meme*



Fonte: Print da *scan meme* digital capturado pelos autores (2025)

A *scan meme*, que se propunha a ser uma tradução livre, transformou-se em um produto viral controverso, devido ao seu humor que destoa drasticamente do original, e a inclusão de temas mórbidos, tabus e preconceitos, como a acusação de judeu ao chefe da personagem, na imagem acima. O aparecimento de trechos que discriminam grupos minoritários dividiu os leitores em, pelo menos, dois grupos: um considerou a versão dos fãs como algo positivo, por popularizar o mangá e deixá-lo com um tom mais brasileiro devido ao humor e gírias como o uso do termo “pica”; o outro a considerou negativa, por deturpar o material original e alterar completamente o tom da narrativa,

acrescentando elementos que não existiam na versão japonesa. A viralização da *scan meme* e o crescente sucesso de *Chainsaw Man* acabaram por criar uma expectativa equivocada para as versões oficiais do mangá e seus produtos derivados, que chegaram ao Brasil dois anos depois. Esse sentimento se manifestou especialmente em relação à adaptação em anime, lançado em 2022, e suas legendas e dublagem brasileiras oficiais (Garcia, 2021).

No fenômeno estudado, a prática de *scanlation* vai além de uma simples tradução linguística, evidenciando um movimento de releitura coletiva e por fãs do conteúdo. Isso desperta o interesse para o processo de recepção de maneira ampla, conforme proposto pelos Estudos de Recepção, em particular pela teoria das mediações de Jesús Martín-Barbero (1997). Partindo do princípio de que o receptor participa ativamente da construção de sentidos por meio de suas práticas culturais, o fenômeno envolvendo a *scan meme* de *Chainsaw Man* demonstra que a recepção do mangá não se limita à leitura e à produção de sentido, mas sim constitui três etapas de mediação: 1ª) um primeiro receptor lê o mangá original em japonês e o traduz e o adapta livremente, de acordo com sua própria cultura, originando a *scan meme*; 2ª) um segundo receptor consome a *scan meme* e, a partir dela, cria conteúdo para plataformas como o YouTube, revisando a tradução; 3ª) um terceiro receptor assiste e interage com o conteúdo produzido no YouTube, por meio de comentários, tornando a produção de sentido densa e complexa. Dessa forma, a recepção neste fenômeno abrange não apenas o ato de consumir a obra, mas também a produção de uma tradução e sua distribuição na internet, a criação de vídeos de resenha e a interação nos comentários.

Diante do exposto, busca-se entender como o fenômeno da *scan meme* do mangá *Chainsaw Man* medeia a recepção e interpretação ao alterar os sentidos originais, visto que a apropriação criativa da obra por meio da *scan meme* ressignifica o conteúdo original a partir de elementos locais e humorísticos. Parte-se do princípio de que esse processo contribui para a construção de novas formas de identificação cultural e de vínculo afetivo entre os leitores e a obra, mediados pelas dinâmicas próprias da comunicação em rede e do contexto digital. Sob essa premissa, compreende-se como hipótese, que o fenômeno da *scan meme* do mangá *Chainsaw Man* atua como mediador ativo da recepção ao introduzir camadas humorísticas, preconceituosas e reinterpretativas no material traduzido, editado e em circulação. Essa mediação não apenas altera os sentidos originais da obra, mas gera novas formas de interpretação compartilhadas, transformando a *scan meme* em um dispositivo comunitário de pertencimento. Esse movimento pode ser observado nos comentários de vídeos no YouTube, nos quais leitores não apenas reconhecem a distância entre a tradução oficial e a versão meme, mas reforçam vínculos afetivos, identitários e humores coletivos em torno do mangá.

Para tanto, adota-se no texto uma abordagem qualitativa, com base em pesquisa bibliográfica (Stumpf, 2005) e na análise de comentários do público em vídeos no YouTube que discutem sobre a *scan meme*, sob a perspectiva da cartografia de Jesús Martín-Barbero (2019). É preciso destacar que a cartografia proposta pelo autor não se configura como uma técnica de análise no sentido estrito, mas como uma perspectiva epistemológico-metodológica e um dispositivo heurístico que orienta o olhar analítico. Diferentemente das técnicas – entendidas como procedimentos sistemáticos de recorte, codificação e interpretação do *corpus* –, a cartografia opera como um deslocamento epistemológico, ao redefinir o lugar das perguntas e privilegiar a compreensão dos processos comunicacionais a partir de suas mediações históricas, culturais, tecnológicas e políticas.

Neste artigo, portanto, discutem-se duas categorias de análise em diálogo com os mapas de Martín-Barbero (2019), ativando as dimensões comunicacionais associadas às mediações da identidade, tecnicidade e dos fluxos digitais de modo aberto e processual, não prescrevendo operações técnicas fechadas nem etapas replicáveis, mas acompanhando os movimentos do objeto e as articulações que emergem no percurso da pesquisa. Apresenta-se também alguns trechos da *scan meme* e da versão oficial publicada pela editora Panini para mostrar eventuais comparações abordadas nos comentários.

2. ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA

Em consonância com os Estudos de Recepção e a Teoria das Mediações de Jesús Martín-Barbero (1997), a análise comunicacional deve focar nos processos e práticas pelos quais os sujeitos atribuem sentido às mensagens, considerando suas inserções socioculturais e os atravessamentos históricos, políticos e tecnológicos. Nesse contexto de mutações culturais em que se vive atualmente,

Há, então, novas percepções e linguagens, especialmente vistas como, respectivamente, novas sensibilidades e novas escritas. Entende-se aqui que as novas sensibilidades significam o surgimento de novas formas de ver, de novas relações com os meios de comunicação, que estimulam novas práticas. Estas novas práticas são encontradas no novo olhar sobre as relações sociais e os produtos midiáticos (Pieniz; Cenci, 2019, p. 148-149, tradução nossa)¹.

¹ No original: “Se tienen, entonces, nuevas percepciones y lenguajes, especialmente vistas como, respectivamente, nuevas sensibilidades y nuevas escrituras. Se entiende aquí que las nuevas sensibilidades significan el afloramiento de nuevas formas de ver, nuevas relaciones con los medios, que estimulan nuevas prácticas. Estas nuevas prácticas se encuentran en la nueva mirada sobre las relaciones sociales y sobre los productos mediáticos”.

A proposta barberiana teoriza sobre as mediações a partir das transformações contemporâneas da cultura, as mutações culturais. Ao considerar as interações sociais e a cultura participativa no ambiente digital (Jenkins, 2009), suas contribuições permitem compreender os leitores não como receptores passivos, mas como sujeitos ativos na (re)construção de sentidos. Nesse processo, a comunicação é atravessada por diversas mediações, compreendidas como ferramentas conceituais que orientam o olhar do pesquisador sobre os atravessamentos culturais da comunicação. Contudo, no recorte desta pesquisa, serão abordadas três delas: as das tecnicidades, das redes/fluxo e das identidades.

A escolha partiu de uma leitura preliminar dos comentários, na qual se evidenciou recorrências discursivas relacionadas à identificação cultural, à circulação em rede e aos processos técnicos de produção e distribuição das *scans*. Tais mediações se entrelaçam na experiência analisada, moldando as práticas sociais e a maneira como os sujeitos produzem sentido sobre os objetos culturais. Juntas, oferecem um arcabouço teórico-metodológico para entender como os indivíduos não apenas consomem uma obra, mas também a transformam, a contextualizam e a dotam de novos sentidos. Por isso, tais mediações mantêm um diálogo com Jenkins (2009), para quem os “processos de experimentação, flexibilidade, simulação, apropriação, multitarefa, cognição distribuída, inteligência coletiva, julgamento e navegação transmídia” ocorrem no ambiente digital (Angeluci, 2014, p. 52).

Deste modo, as categorias de análise emergiram das práticas de recepção que mediam a produção de sentido sobre o fenômeno da *scan meme* do mangá *Chainsaw Man* no Brasil. Neste artigo, a expressão *scan meme* é adotada como categoria analítica para designar uma modalidade específica de tradução e circulação de quadrinhos realizada por fãs, que se distingue de outras práticas de *scanlation*. Diferentemente das *scanlations* orientadas pela busca de fidelidade textual e pela substituição integral da tradução oficial, a *scan meme* caracteriza-se pela apropriação paródica e interventiva do material original, incorporando referências culturais locais, humor, ironia e comentários metalinguísticos. Trata-se de uma prática comunicacional situada nos fluxos digitais, na qual a tradução opera menos como mediação linguística estrita e mais como gesto expressivo, identitário e relacional, voltado à circulação rápida, ao engajamento comunitário e à produção de sentido compartilhado nas plataformas digitais.

Assim, a primeira categoria concentra-se nos modos pelos quais os participantes produzem sentidos sobre a *scan meme*, examinando como avaliam a tradução realizada por fãs, os procedimentos atribuídos à sua elaboração, bem como os efeitos e desdobramentos desse fenômeno, especialmente em contraste com a tradução oficial da editora Panini. A segunda analisa as percepções dos indivíduos acerca dos formatos de publicação, problematizando os critérios mobilizados para

avaliar distribuição, custos, tempo de espera, além das noções de legalidade e responsabilidade que atravessam tanto as publicações oficiais quanto as *scan memes*. As duas categorias analíticas articulam-se ao evidenciar como a *scan meme* é significada simultaneamente como prática identitária, tecnicamente mediada e inscrita em fluxos digitais de circulação.

Neste sentido, a tecnicidade é uma mediação estrutural em uma sociedade tecnologizada, e pode ser compreendida como a dimensão que molda a experiência dos sujeitos a partir da interação com dispositivos técnicos e sistemas comunicacionais. O conceito de tecnicidade refere-se à capacidade humana de criar e reinventar técnicas de comunicação e produção cultural mediadas pela tecnologia – trata-se de uma mediação que evidencia como as tecnologias não são neutras, mas sim portadoras de sentidos e formas de sociabilidade. É uma mediação que “reconfigura estrutural e materialmente as organizações, não apenas com a criação de novos cargos e funções, mas com processos que sistematizam rotinas, para dar conta do grande volume de informações que circulam nos meios” (Pieniz; Cenci, 2019, p. 150, tradução nossa)². No contexto da pesquisa, manifesta-se no domínio técnico de ferramentas de escaneamento, edição de imagens, legendagem e publicação online, assim como no seu reconhecimento de todo esse processo por parte dos sujeitos que comentaram nos vídeos observados.

Já a mediação das redes e fluxos refere-se à configuração contemporânea da comunicação em ambientes digitais, em que as trocas simbólicas ocorrem de maneira descentralizada, fluida e interativa. Segundo Omar Rincón (2019), as redes passam a ser entendidas por um conceito social, a partir do qual se interpreta diversas dimensões do mundo, enquanto os fluxos aprofundam as transformações da contemporaneidade. “O fluxo é expansão de dentro, a rede é ver de fora. O fluxo expressa a alteridade que produz o movimento. A rede tece fluxos com algum significado. E os fluxos são compreendidos na rede, em sua articulação, em seu tecido” (Rincón, 2019, p. 23, tradução nossa)³. É a mediação que evidencia o trânsito das mensagens em redes conectadas, afetando tanto a produção quanto a recepção do conteúdo. Martín-Barbero (2004) aponta que as redes são os novos territórios do poder simbólico, revelando que a comunicação digital não é apenas um canal, mas um ambiente em que os sentidos são continuamente negociados.

Por fim, a mediação da identidade refere-se a como os sujeitos se reconhecem, se posicionam e se expressam com base em suas vivências socioculturais, de nação, gênero, raça, classe, etária,

² No original: “[...] reconfigura estructural y materialmente las organizaciones, no solo con la creación de nuevos cargos y funciones, sino en procesos que sistematizan las rutinas, para dar cuenta del gran volumen de informaciones que circulan en los medios”.

³ No original: “El flujo es la expansión desde el adentro, la red es el ver desde afuera. El flujo expresa la alteridad que produce el movimiento. La red teje con algo de sentido los flujos. Y los flujos se comprenden en la red, en su articulación, en su tejido”.

sexual, dentre outros marcadores sociais. Essa mediação não deve ser vista como algo fixo, mas sim como um processo em constante construção, atravessado pelas práticas culturais e midiáticas. Para Martín-Barbero (1997), trata-se da mediação mais densa e conflituosa, pois se conecta à história vivida dos sujeitos e às formas de reconhecimento e pertencimento, um processo que hoje está intimamente ligado às tecnologias. No objeto estudado, a presença de elementos linguísticos, humor peculiar e adaptações criativas atuam diretamente em todo o processo de recepção da *scan meme*. O uso de gírias, expressões locais e o humor estereotipado, ainda que problemático, gerou um forte movimento de identificação coletiva, fazendo com que muitos leitores se aproximassem da narrativa por reconhecerem traços da cultura brasileira no mangá, intensificando a sensação de pertencimento e familiaridade. Assim, aspectos do que o público interpreta como “ser brasileiro” funcionam como mediações aproximativas pelas quais o mangá foi reinterpretado no país.

Nesse sentido, os dados foram desenvolvidos a partir de comentários do público do mangá *Chainsaw Man* deixados em seis vídeos⁴ do YouTube que discorrem sobre o fenômeno da *scan meme* difundida em comunidades online. Os vídeos foram escolhidos por abordarem o tema de forma opinativa e apresentarem bons números de engajamento sobre o tema, totalizando 3.044 comentários juntos. Após a leitura desse montante, separou-se aqueles que tinham assuntos em comum e criou-se os eixos de análise: 1) o eixo do conteúdo da *scan meme*; 2) o eixo do formato. Neles, expõe-se apenas alguns comentários que exemplificam melhor a discussão desejada, tendo em vista o espaço disponível, associando-os com as mediações para cartografar os significados que os fãs empregam ao fenômeno. O anonimato dos indivíduos foi mantido a fim de preservar o caráter ético da análise, assim como os dados foram utilizados exclusivamente para fins acadêmicos e interpretativos, sem reprodução direta dos perfis ou nomes.

Apesar do conteúdo dos vídeos não serem o objeto de análise do artigo, os assuntos que abordam englobam a recepção e a tradução do mangá *Chainsaw Man* no Brasil, revelando controvérsias e polarizações na comunidade de fãs. O vídeo “A polêmica scan tradutora de Chainsaw Man” discute a inserção de adaptações culturais pela *scan meme*, defendendo a prática por torná-la divertida, mas criticando o excesso descaracterizador da obra. Em “A treta de Chainsaw Man mais ridícula possível” é tratado sobre o caso do dublador Guilherme Briggs, que foi atacado por fãs devido a uma fala no animê diferente da popularizada na *scan meme*. O vídeo “As piores traduções de Chainsaw Man!” detalha como traduções de *scans* podem prejudicar a leitura ao inserirem piadas e gírias que quebram a atmosfera da obra e distorcem a personalidade dos personagens. Por sua vez,

⁴ Os vídeos consultados no YouTube foram referenciados em sua totalidade ao final do trabalho.

“Defendendo a scan de Chainsaw Man e ofendendo o Guilherme Briggs” favorece a *scan meme*, argumentando que o trabalho dos fãs foi essencial para a popularização do mangá no país. Em “Sobre os scans/traduições de mangás”, a *scan meme* é comparada com a publicação oficial, apontando problemas em ambas e concluindo que a fidelidade da versão física é superior. Por fim, o vídeo “você NÃO leu Chainsaw Man” argumenta que quem leu somente a *scan meme* não teve uma experiência autêntica, pois a tradução distorceu a narrativa e os personagens originais.

Como movimento complementar às análises, apresenta-se trechos da *scan meme* e da publicação oficial da editora Panini para exemplificar as mudanças nos mangás apontadas nos comentários. Para tanto, baseia-se na análise crítica da narrativa “que *privilegia a narração ou a enunciação narrativa*, mais que a narrativa em si mesma. Isto é, a ênfase da análise [...] recai sobre o processo de comunicação narrativa, mais que sobre a narrativa como obra fechada” (Motta, 2013, p. 11). Essa forma de análise interpreta e estuda “as marcas da enunciação presentes no texto, e a correlação discursiva entre os sujeitos interlocutores, tanto na sua montante (processo produtivo) quanto na jusante (processo de leitura e interpretação)” (Motta, 2013, p. 11).

3. ANÁLISE

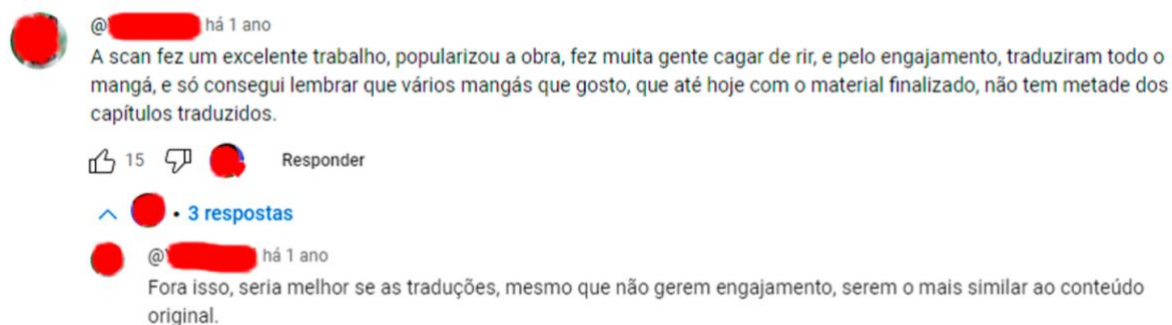
Optou-se por dividir a análise em dois eixos, que emergiram dos posicionamentos dos fãs de *Chainsaw Man* observados nos comentários dos vídeos selecionados. As inferências foram formuladas a partir da recepção e interação dessas pessoas no YouTube, em que foram identificadas unidades de sentido que, posteriormente, deram origem a categorias analíticas construídas de forma indutiva, em diálogo com o referencial teórico dos Estudos Culturais Latino-Americanos e com a teoria das mediações de Jesús Martín-Barbero. O primeiro eixo refere-se ao que as pessoas falaram sobre o conteúdo da *scan meme*, abordando o que eles perceberam na tradução feita por fãs e como ela foi feita, os desdobramentos do fenômeno e suas comparações com a tradução oficial da editora Panini. O segundo apresenta as observações dos indivíduos em relação aos formatos de publicação, focando em questões sobre distribuição, valores, tempo de espera, legalidade e responsabilidade de ambos os tipos de publicação, a oficial e a *scan meme*.

3.1 Eixo do conteúdo da *scan meme*

A primeira categoria analítica se concentra nas opiniões sobre o conteúdo da *scan meme*, considerando não apenas os elementos textuais, mas também seu uso, recepção e circulação entre os

leitores de *Chainsaw Man*. Com base nos vídeos selecionados, identifica-se uma preferência majoritária dos receptores pela versão oficial, distribuída pela Panini. No entanto, mesmo com o sucesso da *scan meme* – que popularizou a obra no Brasil e atraiu novos leitores –, ainda há uma certa resistência entre seus apoiadores (figura 2).

Figura 2 – Compilado de comentários 01



Fonte: Montagem elaborada pelos autores a partir dos vídeos selecionados para a pesquisa (2025)

De modo geral, os comentários favoráveis à *scan meme* indicam que o principal motivo para o seu sucesso foi o humor acrescentado às falas e demais passagens do texto. Cheias de gírias, xingamentos e piadas que não constavam no mangá original, a *scan meme* reescreveu a narrativa de *Chainsaw Man*, um mangá originalmente ambientado no Japão na década de 1990, para uma realidade contemporânea e recheada de referências à cultura brasileira. Tal valor ultrapassa as barreiras de qualidade técnica e fidelidade da tradução, pois gera identificação com o receptor, que, ao se sentir representado, simpatiza e aceita um material que não condiz com o original. Ao circular em uma comunicação em rede, novos sentidos se espalham e se redefinem, reforçando e modificando a forma como o conteúdo é recebido, articulando-se com as mediações das redes/fluxos em Martín-Barbero (2019).

Com base nos comentários da figura 3, nota-se que as reações positivas à *scan meme* giram em torno de uma identificação cultural entre o público leitor e as passagens abrisleiradas da *scan*, o que aciona a mediação da identidade. Além disso, o prazer da subversão e o potencial viral de certas falas e situações também chamam sua atenção. Memes como “O futuro é pica”, que pode ser lido na figura 1, extrapolam os limites do *fandom* de *Chainsaw Man* e passam a habitar outros territórios digitais, transformando-se em signos compartilhados da cultura da internet brasileira. Segundo Henry Jenkins (2009), as culturas participativas não são mais definidas por um consumo passivo, mas pela capacidade dos indivíduos de participarem ativamente da criação e circulação de novos conteúdos. Nesse sentido, a *scan meme* não é apenas uma tradução alternativa, mas um produto mediado pela dimensão comunicacional contemporânea, em que identidade, tecnologia e humor operam em

conjunto e em rede (Martín-Barbero, 2019). Entretanto, mesmo esses comentários favoráveis ressaltam que não aprovam os textos com caráter preconceituoso e discriminatório presentes na *scan meme*. Com a observação de relatos sobre uma tradução completamente à mercê da liberdade criativa dos tradutores, foi possível identificar diversas passagens que revelam um pouco do perfil tanto dos grupos de *scanlation* quanto de uma parcela de seus leitores.

Figura 3 – Compilado de comentários 02



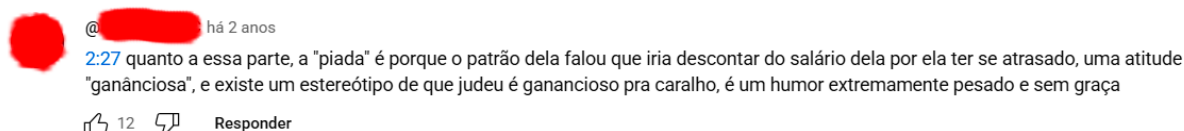
Fonte: Montagem elaborada pelos autores a partir dos vídeos selecionados para a pesquisa (2025)

Para os leitores que se posicionaram contra a *scan meme*, as queixas se concentram na perda da originalidade e da intenção autoral. Além de referências da cultura brasileira e diálogos que circulam na internet, grande parte dos personagens da *scan meme* adota um linguajar chulo e de baixo calão, o que muitas vezes não condiz com a narrativa japonesa e descaracteriza os personagens da história. Essa crítica se ancora na ideia de que o processo de tradução deve preservar o tom e o conteúdo da obra original, com o mínimo de interferência possível. Assim, qualquer tentativa de

adaptar o texto ao universo brasileiro é percebida como um “ruído” que compromete a experiência estética e narrativa.

A substituição do texto original por falas escrachadas – e geralmente ofensivas – é vista como uma banalização do conteúdo, o que causa frustração e rejeição entre os leitores que esperavam ter uma experiência mais próxima da versão original. Outro ponto recorrente nas críticas diz respeito ao uso de humor discriminatório e referências preconceituosas. Esses elementos extrapolam o campo da comicidade e tocam em questões éticas e sociais, como a inserção do estereótipo de um judeu para representar uma pessoa gananciosa, conforme trecho da *scan meme* mostrado na figura 1 e comentado na figura 4.

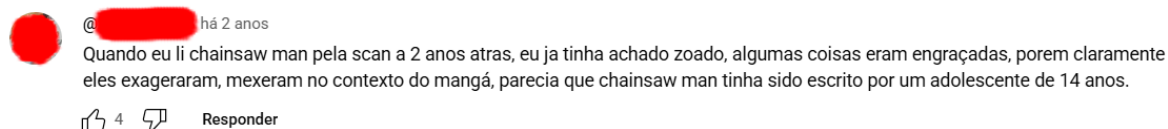
Figura 4 – Comentário isolado 01



Fonte: *Print* da seção de comentários de um dos vídeos tirado pelos autores (2025)

A percepção negativa da *scan meme* também está atrelada à rejeição de sua *fanbase* (figura 5). Muitos leitores expressaram desconforto com o que consideram uma cultura tóxica de idolatria à “zoeira”, que não aceita críticas e desqualifica qualquer tentativa de defender a obra original. Ou talvez ignorem os problemas que essa versão traz, como a referência ao teor neonazista apontada no comentário da figura 6, da qual “nem sequer ligaram pra isso”.

Figura 5 – Comentário isolado 02



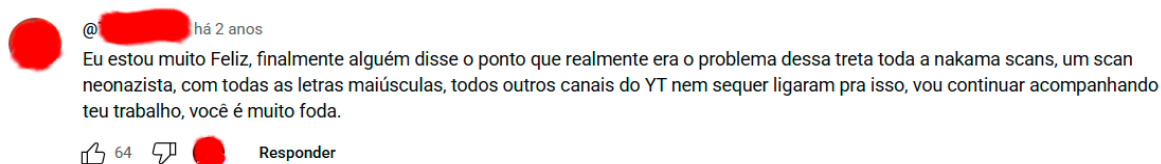
Fonte: *Print* da seção de comentários de um dos vídeos tirado pelos autores (2025)

Ao articular esse dado empírico à mediação da identidade em Martín-Barbero (2019), é necessário deslocar a análise do conteúdo em si para os processos de reconhecimento, pertencimento e distinção que atravessam a recepção da *scan meme*, visto que a identidade não é atributo fixo, mas processo relacional e conflitivo, constituído nas práticas culturais, nos usos e nos embates simbólicos (Martín-Barbero, 2019). Nesse sentido, a rejeição à *scan meme* não se dirige apenas à tradução ou ao formato, mas à configuração identitária da *fanbase* que se reconhece e se afirma por meio dessa

prática. Os comentários que denunciam uma cultura tóxica de idolatria à “zoeira” evidenciam a percepção de um grupo que constrói sua identidade a partir da valorização da irreverência, do deboche e da recusa à crítica, estabelecendo fronteiras simbólicas que deslegitimam outras formas de engajamento com a obra.

A mediação da identidade se manifesta, assim, na forma como determinados leitores se distanciam dessa comunidade, recusando os valores, afetos e regimes de legitimação que a sustentam. A indiferença ou minimização de problemas apontados – como a referência a conteúdos neonazistas (figura 6) – reforça essa leitura ao indicar que a pertença ao grupo se sobrepõe a critérios éticos, estéticos ou políticos, consolidando um “nós” coeso, mas excludente. O desconforto expresso nos comentários (figuras 5 e 6) opera, portanto, como um gesto de não reconhecimento, no qual a crítica à *scan meme* funciona também como crítica a um modo específico de ser fã, de participar dos fluxos digitais e de atribuir sentido à obra.

Figura 6 – Comentário isolado 03



Fonte: *Print* da seção de comentários de um dos vídeos tirado pelos autores (2025)

Do ponto de vista teórico, essas tensões, evidenciadas nas figuras 4 a 6, podem ser compreendidas a partir da noção de receptor ativo, central nos Estudos de Recepção e, especialmente, em Martín-Barbero (1997). Para o autor, o ato de recepção nunca é passivo: o leitor interpreta, ressignifica e até mesmo transforma o conteúdo que acessa. No entanto, como este caso mostra, nem todas as formas de apropriação são vistas com bons olhos pela comunidade de fãs. A noção de mediações, também proposta por Martín-Barbero, ajuda a entender que a recepção de uma obra é atravessada por elementos como identidade, redes e tecnicidades – porém, essas mesmas mediações também geram atrito, disputas e divergências quanto ao modo de interagir com o produto cultural.

A internet tanto visibiliza a voz dos fãs quanto multiplica conflitos. Jenkins (2009), ao abordar a cultura da convergência e as *fan communities*, aponta que o engajamento dos fãs pode oscilar entre a participação criativa e o *gatekeeping* – tentativa de controlar o que é considerado legítimo ou não dentro do *fandom*. A análise dos comentários no YouTube, plataforma com dinâmica interativa e pública, demonstra como os sentidos circulam, são disputados e se reconfiguram constantemente.

Nesse ambiente, os significados atribuídos à *scan meme* não apenas se espalham, mas são ressignificados pelos próprios usuários, em um fluxo contínuo de recepção e produção de conteúdo.

Como aponta Manuel Castells (2002, p. 565), as “redes constituem a nova morfologia social de nossas sociedades”, são nelas que os significados são construídos por meio da interação entre os indivíduos conectados – neste caso, os leitores, criadores de conteúdo e receptores que comentam, respondem e compartilham suas percepções sobre a tradução. Essa estrutura comunicacional em rede não apenas favorece a viralização de determinados conteúdos, como também potencializa sua reinterpretação coletiva, reforçando a noção de que a recepção é um processo ativo e socialmente situado. Assim, ao circular em plataformas digitais marcadas pela lógica em rede, a *scan meme* se insere em um circuito de significação colaborativo, onde as mediações tecnológicas e identitárias se entrelaçam e moldam a forma como os sujeitos leem, interpretam e reagem ao mangá traduzido.

Em meio às divergências, uma parcela dos fãs, concentrada em redes sociais de nicho (como *chans* e servidores privados), abraçou a versão traduzida por *scanlators* que prezava pela liberdade criativa. Segundo esses fãs, o sucesso do mangá no Brasil se deu principalmente ao humor adicionado a essa nova narrativa. Tamanha onda resultou na rejeição dos produtos oficiais (figura 7), que, por serem fiéis ao mangá original, não continham falas ou referências à *scan* que tanto se popularizou no Brasil.

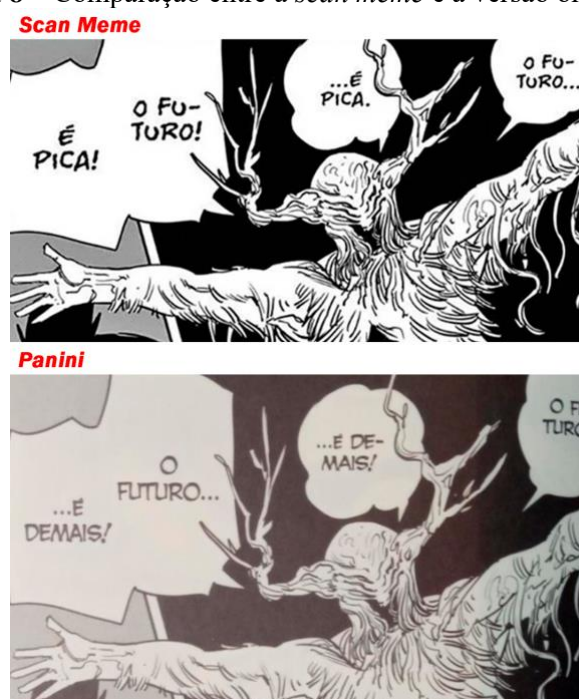
Figura 7 – Compilado de comentários 03



Fonte: Montagem elaborada pelos autores a partir dos vídeos selecionados para a pesquisa (2025)

Um exemplo paradigmático dessa reconfiguração narrativa é a frase “O futuro é pica!”, inserida na *scan meme* no lugar de uma fala originalmente carregada de tensão. Na versão japonesa, o personagem pronuncia “*Mirai wa subarashii*” (未来は素晴らしい), algo próximo de “O futuro é brilhante” ou “O futuro é incrível”, em tradução livre. A tradução oficial publicada pela Panini adaptou a frase para “O futuro é demais”, enquanto a *scan meme* optou por uma solução linguística vulgar e cômica, conforme mostrado na figura 8. A mudança alterou completamente o tom da cena, transformando o suspense em deboche. É nesse ponto que se manifesta uma das principais características da *scan meme*: a intencionalidade do riso, frequentemente em detrimento da fidelidade à obra original. Essa prática, embora condenada por muitos leitores e por setores do mercado editorial, agradou uma parcela do público digital, sobretudo aquele que consome cultura *pop* japonesa com uma postura mais irreverente.

Figura 8 – Comparação entre a *scan meme* e a versão original 01



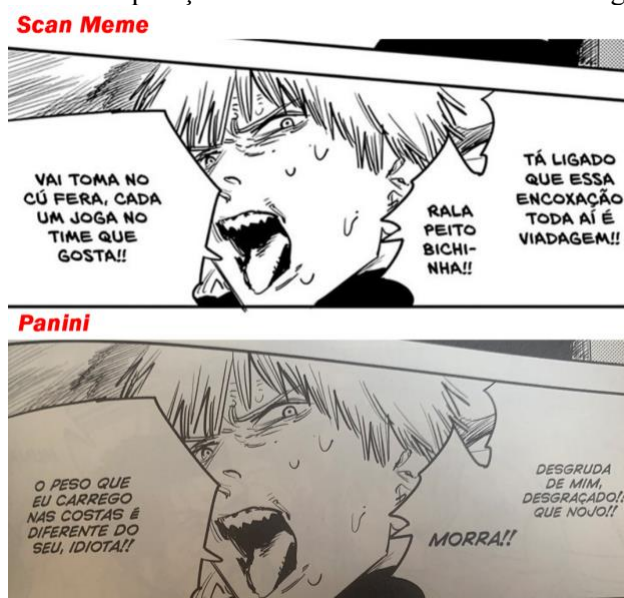
Fonte: Montagem de páginas da *scan meme* e do mangá físico feita pelos autores (2025)

Apesar das controvérsias, a inserção de memes e piadas locais transforma a leitura da obra em uma experiência marcada pela informalidade e pela sintonia com o cotidiano de parte dos leitores brasileiros. Essa prática aproxima a narrativa de uma estética digital própria da internet nacional, agregando um novo tipo de valor: a identificação – mesmo que, nesse processo, as escolhas de tradução acabem por deturpar o sentido original do quadrinho (figura 9). Para Martín-Barbero (2019),

é necessário compreender a tecnicidade não como dimensão meramente instrumental, mas como modo de fazer, de perceber e de produzir sentido inscrito nas práticas comunicacionais. Na perspectiva barberiana, as tecnicidades dizem respeito às competências, linguagens, formatos e operações que emergem do uso social das tecnologias e que reconfiguram as formas de narrar, ler e se relacionar com os conteúdos (Martín-Barbero, 2019). Nesse sentido, a inserção de memes e piadas locais na *scan meme* pode ser entendida como expressão de uma tecnicidade própria dos ambientes digitais brasileiros, marcada pela informalidade, pela remixagem e pela circulação acelerada de referências do cotidiano.

Essa prática não apenas altera o texto traduzido, mas reformula a experiência de leitura, aproximando a narrativa de uma estética e de uma lógica comunicacional típicas da internet, nas quais o humor, a paródia e a intertextualidade funcionam como operadores centrais de engajamento. Isso ocorre porque essa prática comunicativa é também mediada pelas redes e fluxos digitais, ou seja, ela faz uso dos códigos e lógicas desta ambiência. Por isso, o valor agregado à obra – a identificação – não decorre da fidelidade ao original, mas da ativação de competências técnicas e culturais compartilhadas pelos leitores, que reconhecem nos memes e piadas um repertório comum produzido e legitimado nos fluxos digitais.

Figura 9 – Comparação entre a *scan meme* e a versão original 02



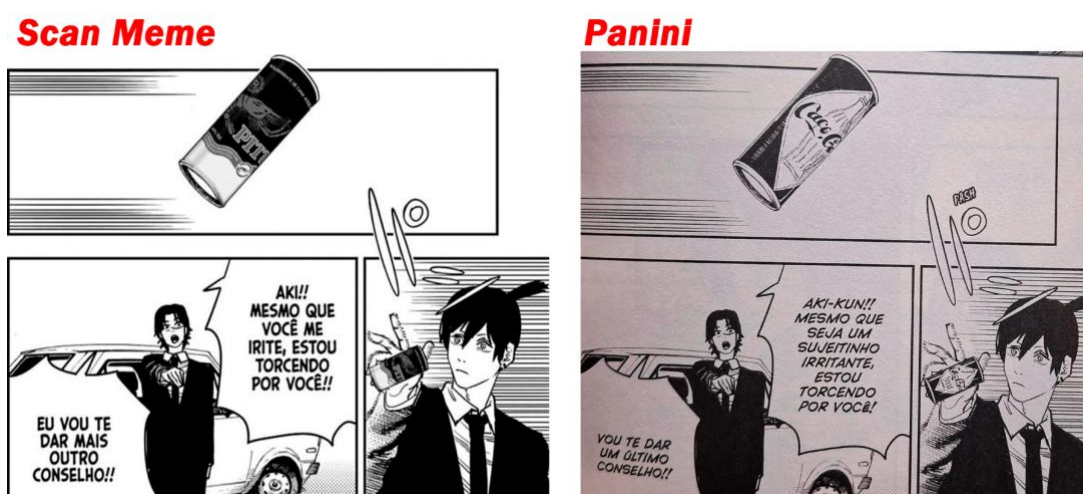
Fonte: Montagem de páginas da *scan meme* e do mangá físico feita pelos autores (2025)

No caso da *scan meme* dos grupos Nakama Scans e SS-Clube, os tradutores fizeram mais do que apenas adaptar e adulterar a tradução do texto, eles inseriram recursos visuais que não existiam na versão original para criar humor e identificação com o público brasileiro. Por exemplo, a figura

10 retrata a quarta página do capítulo 33, na qual um rótulo da bebida alcoólica brasileira Pitú foi inserido sobre o que seria uma lata de Coca-Cola no mangá original. A articulação dessa prática comunicativa com as mediações dos fluxos e das redes, na perspectiva de Martín-Barbero (2019), passa por compreender que o valor atribuído à *scan meme* não se produz apenas no texto traduzido, mas sobretudo em sua capacidade de circular, conectar e engajar nos ambientes digitais.

Na cartografia barberiana, os fluxos e as redes dizem respeito às dinâmicas de circulação, às conexões entre atores, plataformas e conteúdos, e às temporalidades aceleradas que estruturam a comunicação contemporânea (Martín-Barbero, 2019). A inserção de memes, piadas locais e do rótulo da bebida alcoólica brasileira Pitú inscreve a obra nesses fluxos ao torná-la imediatamente reconhecível e compartilhável, favorecendo sua propagação em redes sociais, fóruns e aplicativos de mensagem. Por isso, a *scan meme* mediada por práticas comunicativas em redes digitais possui uma leitura que deixa de ser uma experiência individual e linear para se converter em um evento circulatório, marcado por comentários, repostagens, reapropriações e disputas de sentido.

Figura 10 – Comparação entre a *scan meme* e a versão original 03



Fonte: Montagem de páginas da *scan meme* e do mangá físico feita pelos autores (2025)

Ao alterar tantas passagens de texto e até mesmo o visual do material original, não é exagero dizer que a *scan meme* se tornou um novo quadrinho, com uma narrativa distinta da versão original japonesa. *Chainsaw Man*, conhecido por ser um mangá *shōnen* de tom mais sério e maduro, recebeu cargas de humor discriminatório e pastelão, envolto em memes e elementos da cultura brasileira (figura 11). E foram justamente esses aspectos que fizeram a *scan meme* ser o principal canal de popularização da obra no Brasil. Ela se tornou não apenas a primeira opção de leitura do mangá no país, que ainda não possuía um meio oficial de leitura quando foi lançada, mas também a versão favorita entre os leitores.

Figura 11 – Comparação entre a *scan meme* e a versão original 04



Fonte: Montagem de páginas da *scan meme* e do mangá físico feita pelos autores (2025)

Apesar das divergências e debates sobre as diferentes versões de *Chainsaw Man*, é inegável que a *scan meme* traduzida por fãs impulsionou discussões importantes dentro do nicho de mangás e quadrinhos no Brasil. As polêmicas envolvendo a nova versão da história e suas consequências na comunidade de *scanlators* criaram um ponto de partida para que as pessoas se unissem e debatessem o tema em ambientes virtuais, como Mangá Livre, X (antigo Twitter) e Reddit. Essa interação não só contribuiu para a ascensão popular da obra, mas revelou uma disputa simbólica em torno de sua interpretação. Diferentes grupos reivindicam a autoridade para definir o que é “fiel”, “aceitável” ou “ofensivo” em traduções de mangás. A crítica à deturpação do material original revela um conflito sobre a natureza da apropriação cultural, que, neste caso, gerou simultaneamente identificação e rejeição. Essa tensão entre fidelidade e apropriação, seriedade e humor, autoria e reinterpretação marca o início de um debate mais amplo sobre os formatos de publicação e o papel das comunidades de fãs na mediação de produtos culturais estrangeiros, tema que será aprofundado na próxima seção.

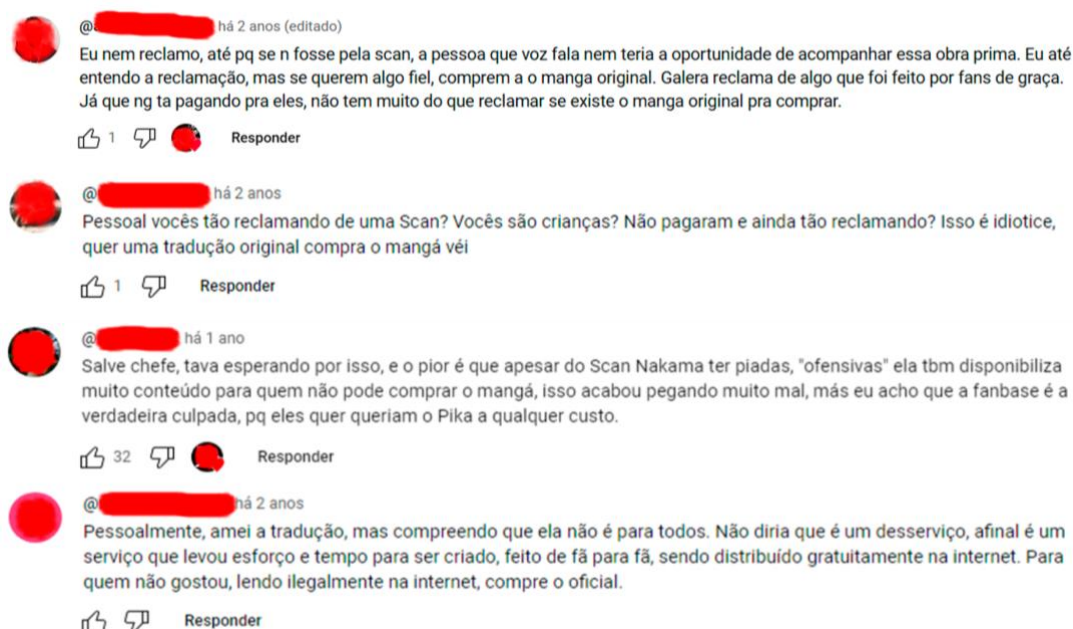
3.2 Eixo do formato

O segundo eixo de análise apresenta comentários sobre os formatos de publicação, um assunto impulsionado pela notoriedade da *scan meme* em ser uma versão traduzida do mangá de *Chainsaw Man* disponibilizada de forma gratuita na internet, de fã para fã. Em linhas gerais, os mangás no Brasil têm se tornado um item de leitura cada vez mais elitizado. Apesar das diferentes frequências de lançamento, os constantes reajustes de preço têm tornado o material licenciado inacessível para

muitos, dificultando o suporte ao mercado oficial (Carlos, 2011). Em contrapartida, as *scans* (de modo abrangente) são disponibilizadas gratuitamente em sites e fóruns virtuais, fruto de uma cultura de materiais criados de fã para fã, sem fins lucrativos. A problematização em torno da preferência pelo acesso do conteúdo disponível gratuitamente em detrimento da fidelidade ao texto do autor é reconhecida por alguns leitores da *scan meme* (figura 12), que argumentam que, se alguém deseja uma “tradução original”, a opção é comprar o mangá oficial. A comparação entre o formato digital e a versão licenciada revela tensões entre o desejo por acesso imediato e gratuito e a valorização da obra como produção artística e intelectual.

Uma vez que a comunicação é mediada por fluxos e redes digitais (Martín-Barbero, 2019), os sentidos atribuídos à *scan meme* são produzidos a partir das lógicas de circulação, acesso e conectividade próprias dos ambientes em rede. A disponibilização gratuita em sites e fóruns inscreve essas práticas em fluxos digitais marcados pela rapidez, pela replicabilidade e pela horizontalidade, típicos de uma cultura de compartilhamento entre pares (*fan to fan*), na qual o valor do conteúdo está menos na autoria institucional e mais em sua capacidade de circular e atender a demandas imediatas de consumo.

Figura 12 – Compilado de comentários 04



Fonte: Montagem elaborada pelos autores a partir dos vídeos selecionados para a pesquisa (2025)

Além da questão financeira, os materiais oficiais também acabam ficando para trás no quesito velocidade. Por serem produzidas de maneira independente e sem as burocracias das grandes editoras e distribuidoras, as *scans* se destacam por oferecer um acesso rápido e atualizado ao material

traduzido. Enquanto os grupos de fãs adaptam as histórias de maneira ágil, as empresas oficiais, envolvidas em responsabilidades diplomáticas e burocráticas, precisam que os leitores esperem para ter contato com o conteúdo desejado. Caso semelhante ocorre com os animes:

O fato dos *fansubbers* buscarem por conta própria os animes para traduzi-los, legendá-los e disponibilizá-los para outros fãs traz à tona, além de outras questões, a discussão em torno das implicações decorrentes da informalidade da prática desses fãs na internet. De modo particular, entendemos que longe de gerar consenso, as apropriações e mediações plurais promovidas por esses fãs dividem opiniões, geram polêmicas e discussões entre os detentores do *copyright* – produtoras e distribuidoras locais – e no interior do próprio *fandom* de animes. Alguns blogueiros do mundo anime, por exemplo, são comentaristas afiados de práticas tal como o *fansubber* e o *scanlation*, justamente por perceberem na atividade um entrave para a criação de um mercado oficial de distribuição em seus países, como é o caso do Brasil (Urbano, 2013, p. 83).

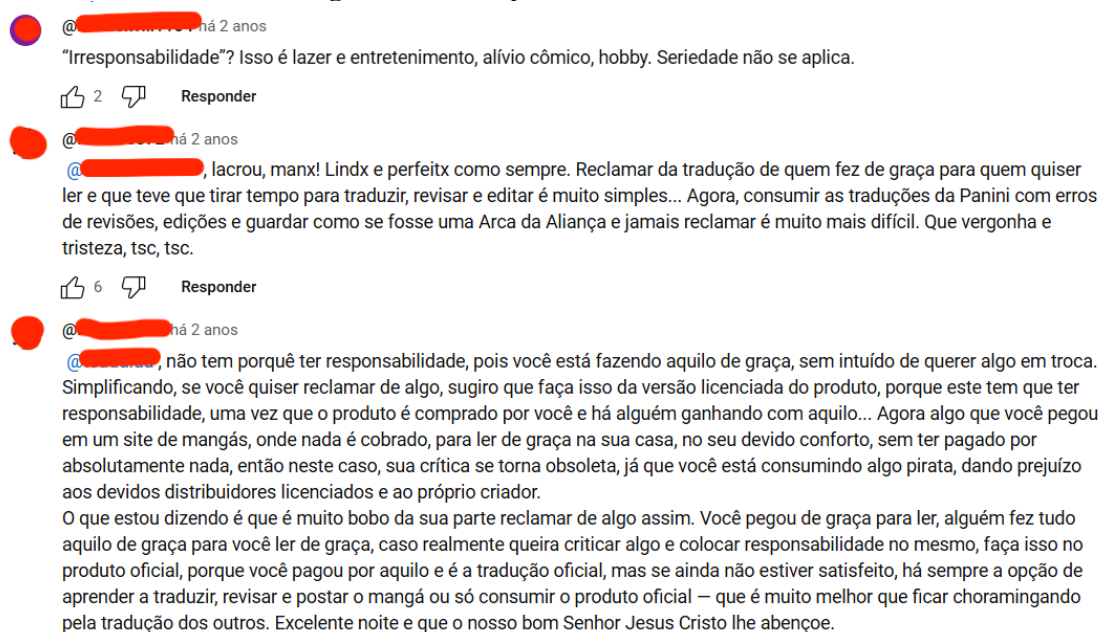
As edições físicas e digitais licenciadas, como as publicadas no Brasil pela Panini, seguem um rigor editorial e jurídico que garante ao autor, ao tradutor e à editora responsabilidades sobre o conteúdo, fidelidade da tradução e respeito à obra original. No entanto, esse processo tem um custo associado, tanto monetário quanto temporal. Em termos financeiros, um único exemplar físico do mangá de *Chainsaw Man* custa entre R\$35,00 e R\$45,00. Mesmo que não seja um valor exorbitante, ainda pode ser inacessível para parcelas do público jovem brasileiro, considerando que existem vinte volumes publicados até o momento (a obra ainda não foi finalizada até a data desta publicação). Além disso, a experiência de leitura é condicionada pela espera das traduções oficiais, que dependem da negociação de direitos, da logística de impressão e das estratégias de distribuição.

Embora as *scans* se apresentem como uma opção mais acessível em relação aos materiais oficiais, elas estão à mercê de seus tradutores. A ausência de responsabilidade editorial permite não apenas uma tradução livre, mas uma ressignificação do mangá (mediado pela tecnicidade) – como no caso da *scan meme* de *Chainsaw Man*. A partir da mediação das tecnicidades em Martín-Barbero (2019), as *scans* não são apenas um suporte alternativo de acesso, mas o resultado de modos específicos de fazer comunicacional aprendidos, legitimados e naturalizados nos ambientes digitais. Nesse enquadramento, a liberdade de intervenção dos tradutores-fãs – possibilitada pela ausência de responsabilidade editorial – constitui uma tecnicidade própria das práticas de *scanlation*, na qual a tradução deixa de ser entendida como mediação linguística regulada e passa a operar como ressignificação da obra.

Tais escolhas levantam questões sobre a integridade da obra, o respeito ao autor e a possível mediação exercida por amadores sobre a recepção de uma narrativa. Enquanto as editoras licenciadas

são legalmente responsáveis por eventuais distorções ou problemáticas na tradução, os grupos de *scanlation* operam à margem da legalidade, sem prestar contas às instituições ou aos próprios leitores (figura 13).

Figura 13 – Compilado de comentários 05



Fonte: Montagem elaborada pelos autores a partir dos vídeos selecionados para a pesquisa (2025)

Sem uma equipe de tradutores profissionais, certificações de qualidade e fidelidade, acordos de distribuição ou uso de imagem, põe-se à prova a legitimidade do produto traduzido e distribuído de forma independente. Embora se mostre como uma ferramenta acessível aos leitores de mangá, a prática ainda se configura como pirataria, o que caracteriza crime. Apesar de ilegal, a pirataria digital pode ser entendida como uma forma de resistência cultural, especialmente em contextos onde o acesso à cultura é limitado por barreiras econômicas e legais (Lima; Rodrigues, 2013), como ocorre no Brasil. Nesse contexto, a discussão sobre pirataria é ambígua. Por um lado, há o reconhecimento de que a circulação de *scans* facilita o acesso a bens culturais, atuando como uma forma de resistência à concentração de mercado e ao monopólio das editoras. De outro, esse mesmo movimento pode perpetuar práticas predatórias, ao apagar o trabalho do autor original, promover conteúdos distorcidos e lucrar (indiretamente) com a monetização de vídeos e canais baseados em material ilegal.

Conforme aponta Martín-Barbero (1997), o deslocamento fundamental da mediação é de uma instância entre a emissão e a recepção para todo um processo cultural de produção de sentido. Desse modo, a mediação das redes e fluxos redefine os circuitos comunicacionais, deslocando o foco da emissão para os trajetos que os conteúdos percorrem e os usos que deles se fazem. É nesse contexto

que se insere a lógica da circulação de *scans*, mediada por redes digitais que operam de forma descentralizada, veloz e contínua. Ao estar conectado em rede na internet, um ambiente de comunicação rápida e em fluxo, o sujeito tem acesso aos conteúdos por vias não-oficiais, contornando as estruturas editoriais tradicionais. As *scans*, em geral, são publicadas antes das versões oficiais, o que garante acesso antecipado e prático para qualquer pessoa interessada na leitura do mangá pela rede.

No caso de *Chainsaw Man*, a *scan meme* já circulava pela internet anos antes do primeiro volume ser publicado no Brasil pela editora Panini. Por se tratar de uma comunicação em rede, os capítulos publicados semanalmente de forma licenciada na revista japonesa *Shōnen Jump* foram escaneados, traduzidos e compartilhados praticamente em simultâneo ao lançamento oficial no Japão. Assim, o sucesso da *scan meme* foi, antes de qualquer outro aspecto, atribuído à velocidade oferecida pelos fãs tradutores. Porém, o que está em jogo não é apenas a forma como se interage com *Chainsaw Man*, mas o modo como o público negocia os valores de autoria, fidelidade, pertencimento e responsabilidade. Esses conflitos revelam as tensões de um ecossistema cultural e comunicativo complexo e em constante transformação, no qual os fãs reivindicam um papel mais ativo na mediação das obras.

Além disso, é correto afirmar que tal fenômeno só foi possível devido à dinâmica das redes digitais e aos fluxos de comunicação que atravessam a internet. A velocidade com que o mangá foi traduzido e distribuído evidencia a fluidez desses fluxos não-institucionais, que operam à margem dos meios tradicionais em que as editoras atuam e possibilitam a formação de comunidades de fãs. Essas redes também permitem que novos sentidos se espalhem rapidamente, reforçando e modificando continuamente a recepção e suas densas camadas de produção de sentido. Deste modo, a *scan meme* mostra uma inovação prática: adaptar não apenas a língua, mas os modos de expressão para maximizar a adesão do público – um processo viabilizado pelas tecnologias digitais e pelo domínio cultural e linguístico dos fãs envolvidos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O texto visou compreender como o fenômeno da *scan meme* do mangá *Chainsaw Man* media a recepção e interpretação ao alterar os sentidos originais, através de análises de comentários de seis vídeos no YouTube feito por leitores da *scan*. A observação também evidenciou o papel relevante das comunidades *scanlators* na circulação e mediação de mangás japoneses fora dos circuitos oficiais de distribuição. Inicialmente restritas a nichos específicos, essas comunidades evoluíram para se

tornarem agentes influentes na disseminação de conteúdos, contribuindo para uma maior interação entre os fãs da obra original e para a formação de uma cultura participativa em torno dos mangás.

Assim, fez-se necessário adotar a *scan meme* como categoria analítica, que significou reconhecê-la não apenas como um objeto empírico ou uma denominação nativa, mas como um operador conceitual que orienta a leitura e a interpretação do fenômeno investigado. Do ponto de vista teórico-metodológico, isso implicou deslocar a *scan meme* do estatuto de prática derivada da *scanlation* para compreendê-la como uma forma específica de mediação comunicacional, dotada de lógicas próprias de produção de sentido, circulação e reconhecimento social. Neste enquadramento, a *scan meme* passou a funcionar como um princípio de diferenciação, permitindo analisar como determinadas práticas de tradução feitas por fãs se articulam a regimes de humor, paródia e comentário cultural, a formas de autoria compartilhada pelas práticas comunicativas tecnologizadas e a processos identitários inscritos nos fluxos digitais. Portanto, assumir a *scan meme* como categoria analítica significa utilizá-la como chave interpretativa que estruturou a análise, orientou a construção dos eixos analíticos e possibilitou compreender a prática como expressão de disputas simbólicas e reconfigurações comunicacionais no ecossistema digital, e não apenas como um desvio ou subproduto da tradução oficial.

Para observar e analisar os comentários, ancorou-se na Teoria das Mediações enquanto abordagem teórico-metodológica. Isso permitiu cartografar como a *scan meme* foi apropriada pelos leitores, não como um desvio do original, mas como uma performance culturalmente situada, atravessada por referências identitárias nacionais, potencializada pelas lógicas técnicas da distribuição digital e reconfigurada nos fluxos interativos das redes sociais. As categorias apresentadas em dois eixos analíticos articulam-se ao evidenciar como a *scan meme* é significada simultaneamente como prática identitária, tecnicamente mediada e inscrita em fluxos digitais de circulação. Na primeira, as avaliações sobre o conteúdo e a tradução realizada por fãs acionam processos de identificação, pertencimento e distinção no interior das comunidades de leitores, ao mesmo tempo em que revelam competências técnicas e regimes de autoria compartilhada que tensionam o modelo editorial institucionalizado. Na segunda, as reflexões sobre os formatos de publicação e suas condições de circulação mobilizam a tecnicidade das plataformas e infraestruturas digitais, explicitando como questões de distribuição, custo, temporalidade, legalidade e responsabilidade são negociadas nos fluxos digitais, nos quais práticas oficiais e não oficiais coexistem, competem e se reconfiguram.

A partir disso, notou-se que a *scan meme* é percebida por muitos leitores não apenas como uma alternativa de leitura, mas como uma forma criativa de apropriação e ressignificação do mangá

original. A presença de elementos de humor, gírias, referências locais e expressões populares indica uma dinâmica de tradução próxima e afetiva, na qual os leitores não apenas recebem o conteúdo, mas se reconhecem nele, fortalecendo vínculos com a obra e com a comunidade. Por outro lado, também foram identificadas tensões em torno da legitimidade e da responsabilidade desse tipo de prática. Embora haja um reconhecimento do valor afetivo e cultural da *scan meme*, parte do público manifesta desconforto quanto à fidelidade da tradução, à perda de nuances do texto original e ao uso excessivo de adaptações irreverentes e preconceituosas. Esses conflitos apontam para disputas simbólicas sobre o que seria uma tradução “adequada”, colocando em pauta os limites entre a liberdade criativa do fã-tradutor e a expectativa dos fãs-leitores de preservação da intenção autoral.

Além disso, é importante destacar que o papel das *scanlators* não se limita ao fornecimento de acesso. Ao propor formas alternativas de produção e distribuição, essas comunidades constroem ecossistemas comunicativos próprios, descentralizados, colaborativos e autogeridos. Suas práticas desafiam, em certa medida, o modelo tradicional de mediação editorial, sugerindo novas formas de organização baseadas em fluxos, redes e formas híbridas de pertencimento e interação cultural. Com o avanço das tecnologias digitais e o fortalecimento das redes sociais, a recepção dos mangás tornou-se cada vez mais fragmentada e interativa. Nesse cenário, os *scanlators* atuam como mediadores culturais que operam entre esferas legais e ilegais, entre fidelidade e criatividade, entre global e local. A mediação exercida por esses grupos evidencia como os sujeitos – especialmente os jovens conectados a *fandoms* – se apropriam das ferramentas digitais para reinterpretar, redistribuir e experienciar obras culturais de forma ativa.

Ao considerar as mediações da identidade, das redes/fluxos e da tecnicidade, compreende-se que práticas como a da *scan meme* não devem ser analisadas apenas sob a ótica da legalidade, mas como fenômenos comunicacionais e culturais complexos. Tais práticas revelam modos de produção de sentido, pertencimento e resistência que desafiam as fronteiras formais do campo editorial. Ao mesmo tempo, ampliam os horizontes de análise sobre a circulação cultural em tempos de hiperconectividade e de profundas mudanças culturais. Nesse sentido, a tecnicidade se manifesta nos grupos *scanlators*, que utilizam a tecnologia para circular rapidamente sua *scan meme* traduzida e seus sentidos (piadas, humor discriminatório, contextos culturais brasileiros, dentre outros elementos). As redes e fluxos possibilitam o compartilhamento tanto da *scan meme* quanto das respostas, conteúdos criados e publicados no YouTube, e a interação na seção de comentários. As identidades agem junto às outras mediações como campos de disputas que habitam todos os espaços mencionados, se conectando a componentes que se identificam (enquanto fãs e/ou brasileiros, às piadas de humor ou sua recusa, busca por fidelidade, etc).

Embora este estudo tenha se concentrado no fenômeno da *scan meme* de *Chainsaw Man* apenas na esfera do mangá, os desdobramentos da sua adaptação para anime e as polêmicas envolvendo o dublador Guilherme Briggs não foram explorados, mas servirão como objetos de pesquisas futuras. A abordagem das mediações, mesmo que tenha sido trabalhada sob as perspectivas das tecnicidades, das redes/fluxos e das identidades, demonstrou que a temporalidade também é um fator relevante, que será melhor explorado em outra oportunidade, tendo em vista os aspectos temporais que medeiam os diferentes formatos do mangá. Tudo isso abre espaço para novos questionamentos que não foram contemplados por este texto, como as redes e fluxos entre o Brasil e o Japão; a complexa relação entre a identificação enquanto fã de um produto cultural japonês e sua preferência por elementos abrigados na *scan meme*; a possível identificação proporcionada pelo teor subversivo da *scan meme*, bem como sua circulação gratuita, rebelando-se contra as práticas oficiais editoriais; as tecnicidades que revelam as disputas internas dos grupos *scanlators*, os processos que demandam uma tradução de fã para fã. Assim, a discussão sobre o tema está apenas no começo, o fenômeno das *scanlations* abre caminhos para inúmeras ramificações que merecem ser aprofundadas.

REFERÊNCIAS

ANGELUCI, Alan César Belo. Características e habilidades no ambiente digital: a cultura participativa sob os aportes de Jenkins e Murray. **Comunicação & Inovação**, Caxias do Sul, v. 15, p. 51-60, 2014. DOI: <https://doi.org/10.13037/ci.vol15n29.2861>.

A POLÊMICA scan tradutora de Chainsaw Man!, 2020. 1 vídeo (10 min). Publicado pelo canal Opinião Oculta. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SkC97Vp50RE&t=7s>. Acesso em: 06 ago. 2025.

A TRETA de Chainsaw Man mais ridícula possível, 2023. 1 vídeo (8 min). Publicado pelo canal Cenário Transparente. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Q5KFDgaEwSw>. Acesso em: 06 ago. 2025.

ARAGÃO, Sabrina Moura. Scanlation e o poder do leitor-autor na tradução de mangás. **Tradterm**, São Paulo, v. 27, p. 75–113, 2016. DOI: 10.11606/issn.2317-9511.v27i0p75-113.

AS PIORES traduções de Chainsaw Man! Porque a tradução BR atrapalha a leitura da obra? Entenda, 2022. 1 vídeo (18 min). Publicado pelo canal Mangas Z. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EY16GSOWxLs>. Acesso em: 06 ago. 2025.

CARLOS, Giovana Santana. **O(s) fã(s) da cultura pop japonesa e a prática de scanlation no Brasil**. 2011. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Linguagens) – Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2011.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 6ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

DEFENDENDO a scan de Chainsaw Man e ofendendo o Guilherme Briggs, 2023. 1 vídeo (15 min). Publicado pelo canal Castor Guerreiro. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=V8_9ZgGFhQk. Acesso em: 06 ago. 2025.

GARCIA, Fábio. “O futuro é pica” | Como fãs brasileiros desfiguraram o mangá Chainsaw Man. 2021. **Omelete**. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/mangas-animes/chainsaw-man-traducao-brasileira>. Acesso em: 06 ago. 2025.

HIRATA, Tatiane; GUSHIKEN, Yuji. **Scanlation**: Prática midiática de fãs e a circulação de mangás na cibercultura. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, 13., 2011, Cuiabá. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2011. Disponível em: <http://intercom.org.br/papers/regionais/centrooeste2011/resumos/R27-0061-1.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2025.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. Tradução de Susana Alexandria. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

LIMA, Sarah Dayanna Martins; RODRIGUES, Kadma Marques. Direitos autorais versus pirataria virtual: polêmicas e divergências no campo dos direitos culturais. **Políticas Culturais em Revista**, v. 6, n. 1, p. 207–219, 2013. DOI: <https://doi.org/10.9771/1983-3717pcr.v6i1.8241>.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 1997.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de cartógrafo**: travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Loyola, 2004.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

PIENIZ, Mônica Bertholdo; CENCI, Márcio Paulo. TECNICIDADES de las mediaciones comunicativas de la cultura a las mutaciones culturales. In: JACKS, Nilda; SCHMITZ, Daniela; WOTTRICH, Laula (ed.). **Un nuevo mapa para investigar la mutación cultural**: diálogo con la propuesta de Jesús Martín-Barbero. Quito: CIESPAL, 2019, p. 137-160.

RINCÓN, Omar. Mapa Insomne 2017: Ensayos sobre el sensorium contemporáneo, un mapa para investigar la mutación cultural. In: JACKS, Nilda; SCHMITZ, Daniela; WOTTRICH, Laura (org.). **Un nuevo mapa para investigar la mutación cultural**: diálogo con la propuesta de Jesús Martín-Barbero. Quito: Ediciones Ciespal, 2019, p. 17-23.

SOBRE os scans/traduições de mangás, 2022. 1 vídeo (7 min). Publicado pelo canal Mobbe. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Qg1i6UH7uXs>. Acesso em: 06 ago. 2025.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005, p. 51-61.

URBANO, Krystal Cortez Luz. **Legendar e distribuir:** o *fandom* de animes e as políticas de mediação *fansubber* nas redes digitais. 2013. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Instituto de Artes e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.

VOCÊ não leu Chainsaw Man, 2022. 1 vídeo (8 min). Publicado pelo canal tsu. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Od3TbMrpAfQ>. Acesso em: 06 ago. 2025.

Informações sobre o Artigo

Resultado de projeto de pesquisa, de dissertação, tese: Não se aplica.

Fontes de financiamento: CAPES.

Apresentação anterior: Não se aplica.

Agradecimentos/Contribuições adicionais: Não se aplica.

Mateus Carvalho Beneti

Graduado em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda pela UFG. Atua como redator publicitário e assessor de comunicação.

E-mail: mateusmateus@egresso.ufg.br

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-1771-0216>

Thátilla Sousa Santos

Doutoranda e Mestra em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás (PPGCOM-UFG), na linha de pesquisa Mídia e Cultura. Bolsista CAPES.

E-mail: thatillasantos@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2020-9261>

Lara Lima Satler

Doutora e Professora no Programa de Pós-graduação em Comunicação (PPGCOM), Universidade Federal de Goiás (UFG).

E-mail: lara_lima_satler@ufg.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2509-6278>